

Ética diminuta: Cortázar e Cacaso

Minimal ethics: Cortázar and Cacaso

Iza Quelhas¹

Resumo: A proposta deste trabalho é a de identificar relações de similitude, nas escolhas estéticas e políticas, de escritores de nacionalidade e geração distintas, Julio Cortázar (1914-1984) e Cacaso (1944-1987), tendo ambos vivido o período da ditadura, respectivamente, na Argentina e no Brasil. Esses escritores requisitam posicionamentos, mas não se restringem às doutrinas, reafirmam os elos entre literatura e vida numa aposta estética e política que refuta a melancolia e a vitimização.

Palavras-chave: Julio Cortázar; Cacaso; Exílio.

Abstract: The proposal of this piece of work is to identify the relations of similarity, between the aesthetics and politics choices, of writers from distinctive nationalities and generations: Julio Cortázar (1914-84) and Cacaso (1944-87), having both of them experienced the dictatorship period, respectively, in Argentina and Brazil. These writers require stand, but they do not restrict themselves to doctrines. They reaffirm the bonds between literature and life in a political and aesthetical bet that repudiates the melancholy and the victimisation.

Keywords: Julio Cortázar; Cacaso; Exile.

¹ Doutora em Letras (Ciência da Literatura) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – Brasil. Realizou estágio pós-doutoral em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – Brasil. Professora associada na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Brasil. E-mail: izaqlhas8@gmail.com.

Abertura

Vivemos, desde o início do século XXI, tempos intensos de migrações, deslocamentos e diásporas afogados na indiferença ou irresponsabilidade de governos e nações. Milhares de pessoas, a cada semana, homens, mulheres, crianças tentam salvar-se de áreas de guerra, conflitos intensos e de barbárie, na Síria, no Norte da África, entre outros. Deslocam-se, com altíssimo custo para suas vidas, são alocados em embarcações precárias, com destino previsto para a costa do continente europeu, o que, em grande número, não acontece. Chegar à costa de outro continente é o início de um percurso, cruel e não exitoso pela busca de refúgio.

Na literatura, há séculos, vários povos passaram pela experiência do êxodo, na dimensão bíblica; do exílio (“expatriação forçada ou voluntária, degredo”, séc. XVII, do lat. *exilium*) (CUNHA, 1982, p. 342), da migração, da diáspora, temas recorrentes na vida real e na literatura. Vale destacar a etimologia da palavra “degredo”, com uma conotação mais próxima à de sentença oficial: “desterro, expatriação ordenada pela justiça”, séc. XVI; do latim *decretum* ‘castigo, pena’) (CUNHA, 1982, p. 244).

Stuart Hall (2003) dedicou importantes estudos ao assunto – as migrações e os movimentos diaspóricos –, explorando-o ao máximo, inclusive na dimensão dos intelectuais diaspóricos, entre os quais se inclui. Nesses estudos, há relevância para as transformações identitárias que tal experiência produz. Ao investigar a diáspora, com ênfase na que marca a história dos povos negros, Hall considera que a cultura é mais decisiva do que a nação. Justifica sua escolha: “(...) As culturas, é claro, têm seus ‘locais’. Porém, não é mais tão fácil dizer de onde elas se originam” (HALL, 2003, p. 36). O autor, em seu livro *Da diáspora – identidades e mediações culturais* (2003), retoma o êxodo, no Velho Testamento, afirmando ser esse evento um dos mais decisivos, até hoje, para o imaginário dos povos negros, em relação ao que significa o Natal, para citar um evento apenas (HALL, 2003, p. 29).

No caso da América Latina, o problema assume significados vários, tanto em relação ao corte temporal quanto ao espacial. Nas décadas de 60 a 70, do

século XX, as ditaduras militares, na região, instituíram pela força tanto o movimento que exclui (o de sair, fugir) quanto o imobilismo que insere para melhor separar e confinar (prender, matar). O exílio torna-se tão impositivo quanto a sobrevivência. Portanto, no caso do recorte escolhido para este trabalho, o movimento de deslocar-se para outros territórios não deriva de um desejo legítimo de viver ou conviver com outras culturas, mas sim da imposição pelo movimento de exclusão pela ameaça à própria vida. A seguir, dois autores serão destacados, aproximando-se, na leitura deste artigo, pelo modo como enfrentam as adversidades e os riscos, o que se resume numa proposta que o poeta brasileiro, Cacaso, afirma ser uma ética diminuta. Não com tal denominação, Cortázar propõe reler a experiência exilar assumindo outra perspectiva: a da alegria, que permite viver e não sobreviver apenas.

Exílio, mutilação, desvalor

A palavra exílio marca a literatura desde a Antiguidade, assume conotações vinculadas à dor e à perda, sem que se possa ignorar que há um aprendizado e leitura da experiência por fazer, não tendo sido esgotados os meios para se investigar os significados produzidos e a produzir. O sentimento de exílio, como *desvalor*, similar a uma *mutilação*, é mencionado por Julio Cortázar (1914-1984), em textos de sua obra crítica e ensaística. Destaca-se para este artigo o ensaio intitulado “América Latina: exílio e literatura” (CORTÁZAR, 2001, p. 145-163). O desafio para o escritor, afirmou Cortázar, consiste em transformar a experiência de negatividade do exílio em algo que, desvincilhado das conotações românticas (a nostalgia de um lugar idílico perdido), transforme a escrita em prática e ação políticas. Não se trata de uma opção pela estética, é mais amplo, é uma proposta ética. Cortázar acredita que ler um livro é como ter em mão uma arma para defender-se (Idem). Ao assinalar que as ditaduras latino-americanas não atraem ou produzem escritores e sim *escribas*, Cortázar afirma o repúdio à autocompaixão, valoriza, na experiência do desarraigamento, o autoconhecimento, em situações adversas que todo artista necessita enfrentar. Formula, então, um apelo, não apenas um convite,

dirigido a escritores, leitores ou ouvintes: não nos transformemos em escribas da amargura, do ressentimento ou da melancolia (CORTÁZAR, 2001, p. 152). Esse convite a um outro modo de ser vincula-se ao modo como Cortázar considera que, tanto um leitor quanto um autor, fazem parte da vida e não do ócio (idem, p. 161); “escrever e ler” não são atividades cognitivas, mas sim maneiras de agir (Idem), de responder ao que nos quer aniquilar. Cortázar entende o laborativo e o existencial como importantes modos de intervir na vida social, revelando um pragmatismo que faz predominar o valor da existência sobre as dificuldades ou adversidades.

No capítulo intitulado “Julio Cortázar e Clarice Lispector: um saber existencial”, Bella Jozef, uma estudiosa e admiradora da obra dos escritores, afirma que “o ato de romper com a ordem oferece um olhar sobre o lado obscuro e indefinível das coisas” (JOZEF, 1986, p. 210). Bella Josef cita as palavras de Cortázar, ao referir-se aos seus próprios contos fantásticos como “testemunhos de singularização”: “Aperturas sobre el extrañamiento, instancias de una descolocación, desde la cual lo sólito cesa de ser tranquilizador porque nada es solito apenas se lo somete a un escrutinio sigiloso y sostenido” (CORTÁZAR, 1968, p. 25). Reconhece, Cortázar, em vários escritos e entrevistas, a importância do onírico e do fantástico na vida cotidiana, reunindo critérios de compreensão da realidade e do agir humanos, ao questiona valores tão antigos quanto nossa ideia de Ocidente: “*por qué ese criterio griego de verdad y de error?*” (1963, p. 515).

Na busca por fundamentação teórica que dê sustentação às aproximações destacadas neste estudo, está Gilles Deleuze, no ensaio intitulado “A literatura e a vida” (DELEUZE, 2011), ao explorar significados possíveis para “escrever”, para o que se compreende como “literatura”, num percurso que desloca, pela visada criativa e teórica, não contida em teorias anteriores. Deleuze inicia o texto afirmando que “Escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida”, para ele a literatura estaria ao “lado do informe, ou do inacabamento” (2011, p. 11). Suas afirmações, que não pretendem limitar-se a um estatuto de verdade teórica, aproximam-se de um processo de pensar que não finda e requisita o outro para continuar a tarefa. Por

essa linha de proposição interpretativa, aproximam-se autores como Cortázar e Cacaso, pois "Escrever não é contar as próprias lembranças, suas viagens, seus amores e lutos, sonhos e fantasmas. Pecar por excesso de realidade ou de imaginação é a mesma coisa(...)" (Idem, p. 13). Afastando-se de interpretações e estruturação edipianas, Deleuze afirma que a impessoalidade (implícita no *não contar as próprias lembranças*) não se refere a uma não pessoa: "As duas primeiras pessoas do singular não servem de condição à enunciação literária; a literatura só começa quando nasce em nós uma terceira pessoa que nos destitui do poder de dizer Eu (o 'neutro' de Blanchot)" (Idem). Essa destituição do poder de dizer "eu", no caso de Cortázar e Cacaso, pode ser uma libertação de certas condições que aniquilariam a vida e a existência, em determinados períodos e lugares, como ocorreu com o período da ditadura, na Argentina e no Brasil.

Cortázar é um dos que mais questiona e afirma a necessidade de sair do território do *eu* e do lamento para produzir. De certa forma, é a realização do que Deleuze afirma ser literatura como "agenciamento coletivo de enunciação" (Idem, p. 15). Há outro aspecto que aproxima o que diz Deleuze e o que dizem e fazem Cortázar e Cacaso: "não se escreve com as próprias neuroses. A neurose, a psicose não são passagens de vida, mas estados em que se cai quando o processo é interrompido, impedido (...)" (Idem, p. 14). Há, portanto, uma relevância da literatura não limitada à dimensão estética usual, mas como enfrentamento e resposta a estados de adoecimentos. Pode-se afirmar que "A saúde como literatura, como escrita, consiste em inventar um povo que falta" (Idem). Trata-se da saúde quando "invoca essa raça bastarda oprimida que não para de agitar-se sob as dominações, de resistir a tudo o que esmaga e aprisiona e de, como processos, abrir um sulco para si na literatura" (Idem, p. 15).

No caso de Cortázar, a sua mirada existencial sintonizou-se com as ideias propagadas pelo movimento surrealista, priorizados os elos entre a estética, a ética e a política. Os surrealistas, desde 1924, partilharam a causa revolucionária com o proletariado, no entanto sua rebeldia "(...) não estava motivada pela consciência de pertencer objetivamente a uma fração prejudicada"(WOLFF, 1998, p. 67). Cortázar, "(...) escritor de certa linhagem romântica, tributário principalmente da literatura francesa, mas também inglesa – como demonstram

os ensaios escritos no período de formação – instalou-se em Paris, em 1951, sem jamais voltar” (Idem). Essa linhagem atribuída a Cortázar pode indicar a sua atenção em produzir uma obra sem deter-se ao local e circunstancial, numa tentativa de ultrapassar não apenas fronteiras, mas modos de pensar e de agir.

Em 1978, o escritor publica o ensaio “América Latina – exílio e literatura”, admitindo não possuir “aptidão analítica”; limita-se a elaborar uma visão pessoal sobre o tema, sem ater-se a generalizações.

Como Cortázar menciona, o exílio, como tema, assunto ou mote é universal, desde as lamentações de Ovídio e de Dante Alighieri: “O exílio é hoje uma constante na realidade e na literatura latino-americana, a começar pelos países do chamado Cone Sul e prosseguindo pelo Brasil e não poucas nações da América Central. (...)” (CORTÁZAR, 2001, p. 147). Cortázar se inclui entre os “inumeráveis protagonistas da diáspora” (CORTÁZAR, 2001, p. 147), ao comentar os gêneros, define o escritor a partir de sua produção – romances ou contos – , privilegiando a prosa, sem abrir mão da importância da poesia: “Os escritores de invenção e de ficção; ao lado deles incluo o poeta, (...) à medida que todos eles jogam o seu jogo num território dominado pela analogia, as associações livres, os ritmos significantes e a tendência a expressar-se por meio ou a partir de vivências e empatias”(CORTÁZAR, 2001, p. 147).

Sobre sua experiência de vida, Cortázar declarou, numa entrevista, que saíra da Argentina em 1951, por sua própria vontade, contrariando algumas informações que circulam sobre essa decisão ou evento; enfatiza, para tal saída, a inexistência de motivações políticas ou ideológicas. Afirma, por sua vez, que voltou, com frequência, à Argentina, durante algum tempo; mas a partir de 1974 “me vi obrigado a considerar-me um exilado” (Idem, p. 48).

Em relação a esse período, sobre a situação política e histórica da América Latina, década de 50 a de 70, há um contexto que aproxima, mesmo pela heterogeneidade.

La heterogeneidad parece presidir los rasgos de la década de los cincuenta en América Latina. Pero existen, peso a todo, fenómenos cuya generalización afecta a varios países del continente: uno de ellos

es la crisis de los populismos. El peronismo, que sufre un serio revés en 1952, con la muerte de Eva Duarte, comienza a debilitar sus posiciones de la primera época. La pérdida de Evita, como era conocida por las masas populares, privará a Juan Domingo Perón de un personaje dotado de gran capacidad de diálogo con los trabajadores y marginados. (VÁZQUEZ; DÍAS, 1998, p. 178-179)

O exílio, ao impor a homens e mulheres uma condição dolorosa, é comparado à mutilação de partes do corpo, como afirmou o escritor argentino. Cortázar lê nessa negatividade modos para “(...) superar o dilaceramento que as ditaduras nos impõem” (CORTÁZAR, 2001, p. 149). Menciona o “exílio interior”, pois em nossos “países, a opressão, a censura e o medo esmagaram *in situ* muitos jovens talentosos cujas primeiras obras prometiam tanto” (Idem, p. 149-150). Propõe o contrário do lamento que ratificaria o triunfo do inimigo; prioriza a tomada de posição calcada em valores, em gestos propositivos, não desvalores (Idem, p. 151). Para realizar tal ação é indispensável que o escritor se liberte das conotações românticas que marcam a experiência do exílio: “(...) O exílio e a tristeza andam sempre de mão dada, mas com a outra mão, procuremos o humor: ele nos ajudará a neutralizar a nostalgia e o desespero” (Idem, p. 152). Cortázar aponta uma saída possível: a de uma atitude estética e política que se concretize na existência. Esse posicionamento exige que se elimine a autocompaixão, e, com ousadia, afirma que “(...) os verdadeiros exilados são os regimes fascistas do nosso continente, exilados da autêntica realidade nacional, exilados da justiça social, exilados da alegria, exilados da paz” (CORTÁZAR, 2001, p. 152). Sugere a potência da negatividade.

Ainda com Cortázar, o escritor comenta que, na obra de Shakespeare, em *Hamlet*, foi reconhecido a potência do método demencial e errático que triunfa, ao derrotar os assassinos do pai do protagonista e predominar sobre o terror e a mentira. Do dramaturgo do século XVI, numa leitura que privilegia a não aceitação do lugar de vitimado, Cortázar finaliza com uma exortação à reinvenção do presente: “Aquele livro proibido ou queimado não era tão bom: vamos escrever outro melhor” (Idem, p. 155).

Como um desafio poético em direção a um futuro que é produção e movimento, não se pode estar preso ao escárnio ou ao ódio. Cortázar sugere um

percurso outro para os escritores na América Latina. Há muito a fazer e não deixar que as mais ferozes adversidades vingam contra nós.

A ética diminuta: aproximações

A coerência nos valores assumidos para a existência e a escrita aproxima Julio Cortázar e Antônio Carlos Brito (1944-1987), este último, poeta brasileiro, que participou do movimento de poesia marginal, sendo conhecido por Cacaso. A aproximação dá-se, inicialmente, pelo distanciamento de condutas dogmáticas e de pensamentos doutrinários conformados aos esquemas de reação. Cacaso e Cortázar, com suas especificidades, propõem direcionamento pouco usual às práticas da esquerda no Brasil e na América Latina, no período de produção de suas obras. Num segundo momento, esses escritores tornam-se mais sintonizados ao proporem modos singulares de pensar e agir, de ler e escrever, numa recusa às práticas da intelectualidade afinada com uma esquerda reativa, resultante de políticas de repressão extremamente duras de aniquilação e exclusão. Ressalte-se, portanto, que não há, na obra de ambos, uma negação da importância das práticas de esquerda, mas sim ao que nessas práticas pode alimentar processos reativos que internalizam o que há de destrutivo no processo de opressão e aniquilamento das ditaduras.

O posicionamento assumido por Cortázar e Cacaso, ressalvadas as peculiaridades de contextos sociais, políticos e econômicos, cobrou um preço, pois ambos se identificaram com as reivindicações e contestações dos grupos de esquerda, não as negando, mas buscavam propor ou construir formas de participação e de resistência, o que acabou por distanciá-los daqueles com quem mantinham afinidades importantes.

Em face de tanta violência e opressão, de efeitos avassaladores contra grupos compostos principalmente por jovens, a procura por outros modos de agir pode parecer, a despeito do que afirmou Cortázar, idealizada ou romantizada, ao minimizar a dominância das condições materiais de governos militarizados e repressivos.

A busca por singularidade, naquele momento, provoca um relativo isolamento, apesar de compartilharem, com a esquerda militante, questões importantes derivadas de enfrentamentos explícitos. Cortázar e Cacaso apostam numa ação que traria para a atividade do escritor uma militância pela resistência e pelo humor, numa chave quase inusitada por sua não previsibilidade. A escolha aponta uma interpretação ativa que prioriza outra unidade na América Latina, o que pode dar protagonismo aos povos colonizados, aos movimentos de independência construídos com as estratégias possíveis ao firmar diferenças que são empatia e resiliência.

Contra o cenário lúgubre imposto pela ditadura brasileira pós-68, tanto o pensamento crítico quanto a poesia de Cacaso se colocaram na expressão discursiva e na atitude autoral representativas de uma geração de poetas marcada pela heterogeneidade de tendências, entre elas a da poesia marginal. O grupo de poetas do qual faziam parte Cacaso e Ana Cristina Cesar, entre outros, radicaliza a pluralidade proposta pelo movimento modernista de 22, problematiza os eixos programáticos da fase heroica do movimento, ao vislumbrar uma direção que incorporasse linguagens inovadoras, libertas dos limites de gêneros e fronteiras estéticas.

Entre a linha poética de Carlos Drummond de Andrade e de João Cabral de Mello Neto, dois reconhecidos escritores que influenciaram várias gerações de poetas, o grupo geracional de Cacaso buscou saídas que não repetissem o "novo" consagrado, contrariando expectativas, inclusive, de leitores de poesia.

O contexto social e político pode ser resumido com a citação a seguir:

Getulio Vargas, em Brasil, había implantado desde 1930 um régimen que denominó el Estado novo. Um gobierno de sello totalitário y com ciertos rasgos fascistas, giró em torno a su personalidad carismática. (...) El golpe de Estado flotava em el ambiente, pero Getulio Vargas se anticipó a los acontecimientos y se suicido em agosto de 1954. (p. 180) (...) Surgieron en Latinoamérica, entre 1955 e 1973, alianzas entre clases medias, obreros e intelectuales, que movilizaron grandes multitudes reclamando soluciones. Se manifestaron desde 1956 en Brasil, acompañando la presidencia de Juscelino Kubischek, y su ensayo de nuevas experiencias sociales; (...) Los gobiernos de América Latina, siguiendo recomendaciones de la Alianza para

el Progreso, han comenzado a decretar leyes de reforma agraria desde 1961. La idea central de estas reformas es mitigar la miseria rural, y en cierto modo crear una clase media campesina cuya presencia es muy reducida, pese a los proyectos existentes desde la revolución de independencia. (VÁZQUEZ; DÍAS, 1998, p. 187)

Um esvaziamento da cultura e a falta de perspectivas sociais nas regiões rurais desencadearam movimentos migratórios para as áreas urbanas, mais estruturadas, com um número maior de oportunidades. Para os artistas no Brasil, na década de 60, aprofunda-se a censura e são aperfeiçoados, com instrumentos legais, mas não legítimos, a repressão e o controle sobre a produção intelectual.

Em uma entrevista concedida ao jornal “Movimento”, em 12/07/1976, Cacaso destaca que, para se entender a literatura, produzida pelos grupos que então surgiam, seria necessário entender

(...) suas diferenças, a ideia de vida que quer exprimir, os procedimentos estéticos de que se vale, os veículos a que recorre, e mesmo seu interesse, acho conveniente aprofundar o que significou pra vida cultural brasileira o período posterior a fins de 68, 69, os novos condicionamentos, o massacre e desorganização do movimento estudantil, o controle das informações, a despolitização gradativa e segura das paixões e das ambições, as novas formas de rebeldia que nasceram, que se manifestaram e se manifestam no plano da cultura literária. Quando uso a palavra ‘marginal’, geralmente estou me referindo a esse tipo de literatura (BRITO, 1997, p. 13)

Cacaso, tal como o fizera Cortázar, amplifica os elos entre a literatura e os movimentos propositivos relacionados à vida, sua aposta existencial, estética e política compõe o que ele denomina como “ética diminuta”, sem que fosse menos importante. Essa ética diminuta é “feita com muito ardor” e os poemas assumem a “forma de receituário de vida” (Idem), sem excluir as possibilidades de humor e chiste.

Numa leitura contemporânea da necessidade da arte e do uso da arte como um receituário, relendo o que definiu a literatura no século XIX como “edificante”, Cacaso enfatiza a dimensão lúdica e bem-humorada, numa apenas

aparente inconsequência da poesia marginal, lida, muitas vezes, como um descuido formal ou não valorização do tratamento estético. Essa geração de poetas valorizou a dimensão ética do erro, a aparência de rascunho, do não acabado ou inconcluso. Tratava-se de uma provocativa informalidade, no uso de jargões, na inserção radical do olhar poético no cotidiano, na seleção da matéria poética, não de toda novidade no cenário cultural, desde o primeiro momento do Modernismo. A diferença consistia na diminuição, cada vez mais intensa, de um tom heroico, por esta linha, impositivo, colocado em ação na primeira década do Modernismo, no Brasil. Essa fase inicial do Modernismo foi dominada por uma presença da intelectualidade paulista no cenário nacional, lido como a predominância de certa arrogância, tal como entende essa geração de poetas que, a partir de fins da década de sessenta e setenta, provocava ao tergiversar ou não responder às questões impostas pela situação política e cultural, distanciando-se das prescrições que guiassem tanto indivíduos quanto a produção de literatura. Nessa dimensão é ainda mais irônico o “receituário” proposto por Cacaso.

Em resposta a um momento histórico de ações rígidas e extremas, Cacaso e parte de sua geração propõem olhar o diminuto, o quase invisível – do riso e da rasura, o inconcluso e não acabado, portanto não perfeito e não canônico.

No poema “Jogos florais” (BRITO, 2002, p. 157), o tema do exílio surge na intertextualidade paródica, num tom desconcertante em relação ao poema de Gonçalves Dias, “Canção do Exílio”, tomado como matriz de imagens e sentimentos na produção poética literária e nacional desde o Romantismo. Há um rasgo de humor que interrompe a linearidade do poema em sua dimensão narrativa, mas, ao final, “o poeta sai de fininho” (Idem), reforçando certa ideia de que não há mais lugar na terra que considere sua.

I

Minha terra tem palmeiras

onde canta o tico-tico.

Enquanto isso o sabiá
vive comendo o meu fubá.

Ficou moderno o Brasil
ficou moderno o milagre:
a água já não vira vinho,
vira direto vinagre.

II

Minha terra tem Palmares
memória cala-te já.
Peço licença poética
Belém, capital Pará.

Bem, meus prezados senhores
dado o avançado da hora
errata e efeitos do vinho
o poeta sai de fininho.

(será mesmo com 2 esses
que se escreve paçarinho?)

A intertextualidade paródica dialoga com o poema romântico de Gonçalves Dias para desconstruí-lo ou questionar suas bases e escolhas, poema que marcou um movimento e uma época pós-independência, no Brasil. A paródia se insere no que há de melancolia ou lembrança nostálgica de um bem perdido, que deriva de uma condição exilar, que impregnou em parte a produção poética romântica.

No poema de Cacaso, a cada verso, o eu poético quebra o tom de uma seriedade melancólica, como está configurada no poema de Gonçalves Dias; insere referências e fazem o poema dezenovista dialogar com a desconcertante e (im)possível contemporaneidade.

No contexto histórico em que viveu Cacaso, o denominado período em que sobressai o “milagre brasileiro”, pela importância dada à situação econômica que predominou, relega à posição secundária a condição social e humana. No texto poético, liga-se por sonoridade à palavra “vinagre” que, por sua vez, subordina-se à experiência da modernidade como um processo alquímico às avessas, pois é diminuída a qualidade do que é transformado. Ao final, a dúvida entre parêntesis – será mesmo com 2 esses que se escreve paçarinho? – é enunciada no contexto frasal do erro na grafia (paçarinho), sugerindo um enunciado que afirma o certo e o errado simultaneamente, deixando a interrogação para os leitores que se surpreendem com a banalidade de uma dúvida, apenas, aparentemente, tardia.

A enunciação da dúvida importa mais, e o enunciado, entre parêntesis, faz ecoar o lugar de uma voz autoral separada do corpo do poema, numa indagação que é um pretexto para o tom irônico. Essa voz autoral coloca, lado a lado, o sabiá e o tico-tico, numa constatação e não frustração ou lamento. Os sentidos sugerem uma multiplicidade de questões que não se esgotam, apesar de o poema valer-se da simplicidade, registro de poetas como Cacaso que rejeitavam o tom de grandiloquência ou de certezas instituídas. Há, nesse poema, simetria entre ordem e desordem, sem que uma signifique êxito, e, a outra, erro.

Aproximações e considerações inconclusas

Para fazer dialogar essas reflexões com as ideias filosóficas, menciona-se Gianni Vattimo, citado pelo sociólogo G. Balandier, que indica a necessidade

de um duplo desaparecimento: o das concepções historicistas do mundo e o das teorias de superação do sentido, de Hegel ou Marx:

A linearidade da história, esse fio vermelho que ela parecia desenrolar, está partida. Segundo Lyotard, a história foi ‘demasiado culpada’, e a sociedade se tornou complexa demais para que não haja fissuras, desvios e perversões em sua evolução. (...) O segundo desaparecimento é correlativo: não há mais nem superação cronológica sob o eixo único do progresso, nem a superação crítica operando uma aproximação progressiva da verdade. (...) (BALANDIER, 1997, p. 166)

Numa breve aproximação pelo comentário, a proposta de Balandier concentra-se em repensar a herança – “as formas simbólicas, as formas de experiência culturalmente concretizadas”, a “linguagem de uma cultura”, e “(...) tirar disso a orientação para nossa experiência do mundo, chegar a uma ‘realidade leve, menos nitidamente dividida entre verdade e erro, verdade e ficção, informação e imagem” (1997, p. 166). Tem-se articulação sintonizada com a ética diminuta o ultrapassar oposições ou binarismos, tais como *ordem/desordem*, ao recorrer às práticas de memória nas práticas de uma escrita que possa fortalecer o “desejo de pertencer a este mundo” (idem), ocupando-o, afinal.

Nas obras de Cortázar e Cacaso destaca-se um convite para que os leitores desejem pertencer a este mundo, que não se deixem imobilizar pela dor ou pelo lamento, nem se deixem guiar pelo ressentimento ou enfrentamento que leve ao extermínio – a não-vida. A tentativa de Cortázar e Cacaso, atentos à tragédia incontornável de todo um continente, desenha-se na direção de uma resposta ativa, ligada à escrita e à leitura, à difusão da educação, esta não apenas formal. Se os regimes totalitários excluem formas criativas de inserção no mundo, então é preciso contrariá-los.

De certo modo, apostam numa resistência pelos deslocamentos de sentidos e pelos deslizamentos semânticos, pela potencialidade de agregação da cultura partilhada, dos gestos e ações de escrever e ler, por priorizarem a constituição de comunidades por afinidades políticas e existenciais, não por territórios controlados por armas ou nacionalidades.

Hoje, avaliadas e recuperadas informações importantes sobre as gerações de escritores e artistas que resistiram à ditadura, pode-se deduzir que estamos diante de autores que propõem uma releitura de estratégias românticas. O convite não é para a construção de um devir ou tempo imaginado, não há programas ou doutrinas coerentes e sistematizados que possam excluir a desordem no movimento da vida. Há sim um “contorno sobre si mesmo”(BALANDIER, 1997, p. 167), no presente, e, nesse contorno, se encontra o sujeito histórico que não deixa de sê-lo, na experiência do exílio.

As aproximações entre Cortázar e Cacaso, no contexto complexo, na América Latina, em que houve uma produção artística e poética extraordinária, abarca também uma sequência de golpes consumados: “*El golpe castrense consumado em Brasil em 1964, que instauro una dictadura militar, (...) fue imitado em Bolívia em 1971; em Uruguay y em Chile em 1973; em Argentina, Perú y Ecuador en 1976*” (VÁZQUEZ; DÍAS, 1998, p. 188). As forças militares do continente estenderam “*(...) la llamada doctrina de la seguridad nacional sobre la mayor parte del continente*” (Idem). Os golpes em países tão próximos tornaram-se *pesadelos duradouros*.

Contra os *pesadelos que duram* posiciona-se a proposta de um fazer poético que explore a potência da negatividade: a rasura do real, numa América Latina e Hispânica, lugares solidários, nas línguas de povos que nos fazem lembrar em igual medida as verdades e os erros. Ambos, Cortázar e Cacaso, colocam-se em disponibilidade poética para “escrever por esse povo que falta... (por significa ‘em intenção de’ e não ‘em lugar de’)” (DELEUZE, 2011, p. 16). Tem-se uma proposta na singularização, no âmbito da *ética do diminuto*, compondo outra forma de lidar com as grandezas de gestos e misérias no mundo.

Referências

BALANDIER, Georges. **A desordem**: elogio do movimento. Trad. Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

BRITO, Antonio Carlos Ferreira de. **Não quero prosa/Cacaso**. Org.sel. Vilma Áreas. Campinas/SP: Ed. da UNICAMP, Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

BRITO, Antonio Carlos Ferreira de. **Beijo na boca**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2000.

BRITO, Antonio Carlos Ferreira de. **Lero-lero**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2002.

CORTÁZAR, Julio. **Rayuela**. Buenos Aires: Sudamericana, 1963.

CORTÁZAR, Julio.. **Obra crítica**. V.3. Org. Saul Sosnowski. Trad. Paulina Wacht e Ari Roitman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

DELEUZE, Gilles. "A literatura e a vida". In: **Crítica e clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011, p. 11-17.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Org. Liv Sovik. Trad. Adelaine La G. Resende et al. Belo Horizonte; Brasília: Ed.UFMG, UNESCO, 2003.

HOLLANDA, Heloísa Buarque (Org.) **26 poetas hoje**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 1998.

JOZEF, Bella. **A máscara e o enigma**. A modernidade da representação à transgressão. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

JOZEF, Bella.. **Romance hispano-americano**. São Paulo: Ática, 1986.

WOLFF, Jorge H. **Julio Cortázar** – a viagem como metáfora produtiva. Col. Pequenas Biografias Insólitas. Florianópolis: Obra Jurídica, 1998.

VÁZQUEZ, Germán; DÍAZ, Nelson Martinez. **Historia de América Latina**. Madrid: Ediprojectos Europeos, 1998.